

# Relações humanas e história pessoal

Paulo Fossatti, fsc / César Fernando Meurer, fsc

## Introdução

Relações humanas e história pessoal, eis o tema solicitado para este subsídio. O que desejamos? Por certo, qualificar as relações humanas. Como isso pode ser feito? Não há uma fórmula de amplo alcance. As observações a seguir pretendem subsidiar os Irmãos no esforço intransferível de cultivar uma relação sadia consigo mesmo e com os outros.

O tema das relações humanas está diretamente relacionado com a leitura da história pessoal e institucional. Em matéria de histórias de vida, importa particularmente estarmos mais atentos à leitura, à vivência que cada pessoa faz dos fatos do que os fatos propriamente ditos. Ou seja, a chave de leitura da qualidade dos relacionamentos humanos está mais no posicionamento pessoal frente às experiências vividas do que na experiência propriamente dita. Desta forma, a qualidade das relações humanas decorrente dos grupos ou Comunidades Religiosas não pode desconsiderar a leitura da história pessoal feita pela pessoa do Irmão.

Para tanto, considera-se importante cada Distrito, cada Comunidade Religiosa e cada Irmão, problematizar suas histórias de vida direcionando seu olhar para os labirintos de suas identidades, vivências, seus ditos e não ditos, seus entretempos passados, presentes e futuros, e também no posicionamento assumido frente ao vivido.

## I. Unidade e Diversidade

Para uma primeira aproximação, e já no âmbito das atribuições específicas do diretor, talvez

seja interessante pensar em duas perspectivas de animação da comunidade: aquela que promove a unidade e aquela que promove a diversidade. Cremos que os diretores, na sua atribuição de animar e dinamizar, têm de manter-se conscientes de que suas palavras e ações tendem ou para a unidade ou para a diversidade. Cada opção tem o seu preço. Em cada caso, a história pessoal e institucional comparece de um modo.

Por que é importante que o diretor da comunidade atue no sentido de promover a unidade? Para refletir esta questão, é preciso elaborar um entendimento da noção de *unidade* e de sua importância para a qualidade das relações humanas.

Sem a devida atenção, o conteúdo vibrante da unidade pode converter-se em uniformidade. Cultivamos a unidade quando nos interessamos pelos sonhos, pelas motivações, pelas preocupações e alegrias do coirmão. Reduzimos a unidade à uniformidade quando conferimos prioridade maior para aspectos formais: tempos, lugares e horários. Para qualificar as relações humanas, é oportuno distinguir fidelidade de pontualidade. A uniformidade pode reduzir as oportunidades de ser fiel quando neutraliza a história pessoal, a originalidade e a criatividade de cada pessoa.

Dissemos antes que o diretor da comunidade também atua na promoção da diversidade. Em que sentido? Quando é garantida, frente ao instituído, a força instituidora da unidade na diversidade. Do contrário não é unidade, mas uniformidade.

## II. Relações humanas e história pessoal

Este é o tipo de assunto sobre o qual todos temos coisas importantes a dizer. Cada Irmão, seja ele jovem ou ancião, é capaz de propor uma reflexão significativa sobre convivência, respeito, apoio mútuo, tolerância, acolhida, compreensão, partilha... Na prática, porém, bem sabemos que as relações facilmente tornam-se superficiais e formais. É árdua a atribuição de animar e dinamizar uma comunidade. As dificuldades de relacionamento são reais e as belas reflexões provavelmente não as resolvem por completo. Sobram-nos conteúdos e faltam-nos vivências. Ou seja, sabemos muito e precisamos humildade para reconhecer que pouco vivemos a qualidade de nossos relacionamentos, especialmente no âmbito das relações fraternas.

Além da reflexão, que obviamente não é destituída de importância, parece oportuno que os superiores se ocupem em prover condições materiais para a qualificação das relações. Condições materiais é um termo genérico que abrange muitas coisas, das quais desejamos realçar a importância de assegurar que cada Irmão tenha tempo, recursos e incentivos para a cultura e para o lazer. As condições materiais, por exemplo, dizem respeito desde a infra-estrutura da



residência da comunidade até a apresentação física do Irmão que com seu vestir educa ou deseduca, diz de pobreza ou de relaxamento.

### III. Confraternizar

Considerando que todos somos resultado de um relacionamento do amor humano e do amor divino, é exigência antropológica a celebração do encontro com a história pessoal e comunitária. Esta celebração, nos labirintos da Vida Religiosa Consagrada, passa necessariamente pelo celebrar e confraternizar em comunidade no sentido de permitir-se estar e sentir-se com os Irmãos em celebração. Aqui vale recuperar a importância do banquete platônico onde os personagens conversam sobre as implicações do amor, numa dialética ascendente que vai do físico ao ético, ao justo e ao belo. Uma releitura de Platão, sob o olhar da Vida Religiosa, poderá oxigenar nossas relações humanas em comunidade religiosa.

### IV. Por uma pedagogia do cuidado de si:

O cuidar de si dá-se num contexto que se caracteriza por um mundo que está passando por um momento de grandes e contínuas transformações nos âmbitos científico, tecnológico, político, sociocultural, religioso, institucional e, principalmente, pessoal. Tais mudanças interferem nas produções de identidade pessoal e coletiva, modos de ser e estar no mundo, de pensar, de comunicar, de produzir e de se relacionar.

Se por um lado, vive-se num tempo de grandes oportunidades e alternativas, por outro, para poder aproveitar tudo isto, é necessário o enfrentamento de grandes desafios, dentre eles, as crises nos relacionamentos e no contar-se enquanto trajetória

pessoal. A narrativa das histórias comunitárias e pessoais pode tornar-se um ato de conhecimento onde a pessoa constrói cadeia de significantes estruturantes de formas de representação do vivido e de partilha de projetos de vida. É a construção da arte da partilha que exige expressão.

Pela partilha, intencionalmente, a pessoa focaliza e escolhe cada uma dessas peças de seu quebra-cabeça, lançando um novo olhar sobre o fato vivido e agora relatado. Aspira uma releitura que permite transcender o fato enquanto tal, desvelando aquilo de mais significativo que algumas das passagens selecionadas lhe possam oferecer. Afastado do vivido em termos espaciais-temporais configura-se sempre o agora revivido em si próprio. Logo, aprender com a experiência e fazer dela uma vivência positiva é extremamente salutar para relacionamentos saudáveis. Do contrário, a leitura negativa da história pessoal pode perpetuar respingos de relacionamentos doentios, machucados, vazios de sentido e pertença na vida comunitária.

Neste sentido propomos cada qual buscar, dentre as inúmeras ferramentas de acompanhamento, aquela que melhor lhe convier a fim de fazer uma leitura da história pessoal que busca, dentro de si e de sua história, possibilidades de desconstruir e ser desconstruído, com um movimento de olhar para fora ao mesmo tempo em que olha para dentro na certeza de que a

subjetividade contemporânea se forja nas malhas das diferenças e da simultaneidade, da velocidade atravessando o tempo e o espaço, num movimento incessante e polimorfo, em lutas que se travam dentro dos indivíduos, em suas relações com os outros e no campo histórico-político. (EIZIRIK, 1999, p. 6).

Para além de teorias, enfatizamos a urgência de caminharmos em direção a uma ética do cuidado de si, num olhar para os modos de subjetivação pessoal e institucional sob a pena de não mais nos reconhecermos na condição de religiosos ou pessoas. As técnicas de si apresentam-se potencializadas no cuidado de si, superando o parcial “conhece-te a ti mesmo”. E nós religiosos somos excelentes em teorias e na maioria das vezes pobres em vivências quando o assunto é relacionamento humano.

### V. O cuidado com o outro

Vivemos num cenário religioso onde é necessário desenvolver a habilidade de (com)viver com diferentes olhares, saberes, cultura e formas de conceber relacionamentos. Nesse contexto, a qualidade das relações intra e interpessoais, no interior das instituições religiosas, apresenta-se diretamente relacionada com a qualidade do cuidado de si, condição *sine qua non* para cuidar do outro. Para tanto, é necessário também, além da ajuda externa, legitimar-se na condição de formador de si próprio e reconhecer-se neste lugar. Pois, o relacionamento com o outro é parte instituidora do cuidado levando à compreensão de que [...] sem a presença do outro não se pode produzir nenhum auto-relacionamento



satisfatório; o cuidado de si precisa do outro. A constituição do indivíduo como sujeito ético efetua-se só por meio de relações complexas com o outro (cujo estatuto e formas são diferentes segundo a época) (ORTEGA, 1999, p. 126).

Mas, no plano existencial, para melhor acolher o outro, é preciso remeter-se às técnicas de si que dizem do “conhecer-se a si mesmo”. Para Foucault (1990), um dos mais importantes princípios das cidades gregas era o ocupar-se de si mesmo. Tal orientação constituía-se em regra importante para a conduta social e pessoal e para a arte da vida. Para nossa cultura ocidental, esta noção do cuidado de si transformou-se no princípio délfico “conhece-te a ti mesmo”. Nossa tradição filosófica enfatizou este segundo princípio, esquecendo o primeiro. Para a cultura grega e romana, estava implícita a associação entre o conhece-te a ti mesmo e o cuidado de si. Vemos como grande desafio a recuperação do cuidado de si, cuidado de suas escolhas, de seus relacionamentos, como já apontamos no início do texto sob o perigo de continuarmos saber muito enquanto cuidamos pouco.

Querendo ou não, os relacionamentos pessoais entre Irmãos e destes com os demais são marcados, além da história pessoal, pelos rastros de uma tradição institucional de mais de 300 anos deixa marcas instituídas, verdades cristalizadas, mundos legados e que, com maior ou menor implicação ou assujeitamento, limitam forças instituidoras de novas formas de existência, especialmente no primado de relacionamentos saudáveis.

Estes podem nos ajudar a superar a lógica da cobrança passando para a lógica da compreensão humana que prioriza atitudes de acolhida e de descobertas. Sem esquecer a potencialização pessoal e institucional instauradora de novos modos de ser que se mostram numa nova ética e estética que integra e unifica o saber e o cuidar de si.

Em suma, toda pessoa é livre em suas escolhas. Importante é viver alegre e integradamente com as escolhas feitas. Podemos não mudar alguns acontecimentos da história pessoal e institucional mas, podemos sim, assumir posicionamento saudável frente aos acontecimentos. Quem não integra sua história pessoal não agrega valor aos relacionamentos construídos ao longo de sua história e pode potencializar o surgimento de mártires ao seu redor.

## Para Refletir

- ✓ Como a integração de minha história pessoal contribui para a construção de relacionamentos saudáveis?
- ✓ Que passos concretos podemos dar para estabelecer unidade entre o saber e o cuidar de si?

## Referências

- EIZIRIK, Marisa Faermann. **O Cuidado de si: atravessamentos da subjetividade**. Porto Alegre: 1999 (mimeo).
- FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Madrid: Paidós Ibérica/S.<sup>a</sup> I.C.B. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1990.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

